

BARCO A SECO

Confesso que durante a pandemia bolsonarista não tenho conseguido ler muito. Parece que a situação tem um impacto maior que a gente pensa, a concentração foi pro espaço, dando margem ao escapismo do horror pelos seriados por streaming (assisti dezenas de séries) ou música, muita música. Por incrível que pareça, tenho conseguido trabalhar bastante, até meu novo livro sobre a arquitetura e o urbanismo de Franca em seus 200 anos está em fase de diagramação e acertos finais, com textos e muitas ilustrações, fotos e desenhos. Modéstia às favas, acho que será uma obra que vai interessar todos que gostam da história da cidade.

“Barco a seco” foi um dos poucos livros que comecei e fui até o fim. Escrito por Rubens Figueiredo, um carioca professor de literatura e tradutor de autores russos, recebeu o prêmio Jabuti em 2002. Na verdade, eu li sobre outro livro dele e fui procurar, falava sobre um sujeito que estava num ônibus, romance que “narra um percurso. É o que se opera na consciência de Pedro durante uma viagem de ônibus para o bairro do Tirol, na periferia pobre da cidade onde mora - uma espécie de panela de pressão de violência e injustiça sistemática. É lá que mora Rosane, namorada de Pedro: faz algum tempo que ele passa os fins de semana com ela. De radinho no ouvido, lendo a intervalos, observando o que se passa dentro do ônibus e fora nas ruas, Pedro, sem se dar conta, costura as ideias. Ao fim da viagem ele não será mais o mesmo”. Infelizmente, está esgotado.

Foi quando me deparei com esse “Barco a seco” do mesmo autor. A história conta “a vida de um sujeito expulso da família pobre com que vivia, um órfão que tira partido de circunstâncias incomuns para melhorar de vida. Guardando segredo da sua origem, torna-se perito em arte. Especializa-se num pintor cuja vida e morte são obscuras e cujos quadros, feitos sobre pedaços de barcos e tampas de caixa de charuto, retratam o mar de forma obsessiva. O perito luta para reconstituir a face genuína do pintor, embora saiba que sua reputação vulgar gera lucros maiores. Igualmente fascinado pelo mar, e também às voltas com um passado que permanece na sombra, o perito resiste ao impulso que ameaça fundir sua imagem à do pintor”. É impressionante como o escritor consegue descrever as obras de arte inventadas e o pensamento do perito, que tenta se defender de qualquer coisa que ameace ou prejudique sua narrativa para o mercado de arte, que conquistou a duras penas.

Tão bom quanto este achei o novo livro do Chico Buarque, “Essa gente”, um retrato duro e tangível do Brasil atual. É romance colado a um diário, com anotações, mensagens enviadas e recebidas, entre dezembro de 2016 e setembro de 2019, atalho para o Brasil do aqui e agora. Apesar de o recorte parecer óbvio, foi o tempo em que uma presidente foi impedida, um ex-presidente foi preso e o Brasil caiu nas mãos de um genocida saudosista da ditadura cujos filhos e seguidores defendem o retorno do AI-5.

Mauro Ferreira é arquiteto